

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

GABRIELE PEDROSO SAMPAIO

**MEMÓRIAS INTERSECCIONAIS: NOTAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DE UMA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Porto Alegre

2022

Gabriele Pedroso Sampaio

Memórias interseccionais: notas sobre a experiência de uma graduação em psicologia

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto de Psicologia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para a obtenção do título
de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Oriana Holsbach Hadler.

Comentador: Leonardo Régis de Paula

Porto Alegre

2022

Resumo

O trabalho tem como objetivo refletir sobre os temas de interseccionalidade e dos marcadores de diferença a partir de narrativas-experiências que compõem o percurso de uma graduação em psicologia. Tecendo histórias que partem de andanças na psicologia, em diferentes campos de estágio, na extensão e, principalmente, nos encontros cotidianos, se produzem as narrativas ficcionais através da memória da autora: do lembrar, esquecer e relembrar. Neste sentido, se constrói um trabalho que pensa as interseccionalidades e os marcadores de diferença como algo central, que se implica e não é neutro, que fala sobre como a experiência através de um apanhado de cenas-memórias ajudam a construir uma psicologia interseccional.

Palavras-chave: experiência; interseccionalidade; memórias; narrativas ficcionais; psicologia

Agradecimentos

Início esse trabalho agradecendo imensamente aos que vieram antes, aos que abriram passagem, trilharam e desobstruíram o caminho, fazendo com que ele fosse muito mais acolhedor quando eu pude chegar. Aos meus ancestrais e guias, que sempre me auxiliaram e me seguraram quando achei que talvez não fosse capaz.

Agradeço à minha avó, Cecília, por todo o cuidado, zelo e carinho. Se hoje posso dizer que sou psicóloga é pelo tanto de trabalho e esforço de minha avó, pela dedicação diária, pela abdicação de muito. Esse diploma é nosso, vó, nós conseguimos! Te amo infinitamente!!!

Aos meus pais, Andréia e Luiz, pela vida, pelo incentivo a sempre buscar mais e ser melhor, pelas trocas, pelos puxões de orelha, pelos incontáveis momentos que compartilhamos juntos e por todo o amor.

Rosane, Rosaura, Márcia e Denise, meu muito obrigada por tudo! Tias, vocês sempre foram alicerce e sempre desempenharam papel fundamental na minha criação, ajudando meus pais e minha avó. Sei que sem a ajuda de vocês teria sido muito mais difícil para eles e para mim. Obrigada pelos momentos de cultura e lazer que puderam me proporcionar, pelas incontáveis horas de conversa e direcionamento, pelo colo, pelo acolhimento. Amo vocês!

Aos meus irmãos Tiago, Maria Eduarda e André. Vocês fizeram de mim a irmã mais velha e, conseqüentemente, a que precisava e precisa dar exemplo. Espero que possam sempre contar comigo, que eu possa ser uma referência para vocês, aonde quer que seja, amo vocês. Ao meu irmão Gabriel que há alguns anos não está conosco, mas que me acompanhou em pensamento em diversos momentos desta graduação. Mano, espero que esteja bem de onde estiver, te amo e estou com saudades.

Agradeço à minha afilhada Amanda pela existência, por me fazer enxergar o mundo de outra forma. Tu é tudo! Te amo!

E agradeço também aos demais familiares por todo carinho, apoio e por me acompanharem de alguma maneira nessa jornada.

Ana, Luísa, Jango, Isa, Tiago, Samu e tantos amigos que fiz no Instituto de Psicologia, meu muito obrigada! Sou eternamente grata ao encontro com cada uma/um de vocês. O percurso foi mais feliz e acalentador em cada momento que pude contar e estar com vocês.

Às jus Nicole, Vitória e Rita obrigada pelas risadas, pelas cervejas, pela paciência, pela escuta, por sempre estarem ali.

Agradeço às minhas amigas de vida Gabrielle, Adriana, Helena, Bárbara, Thauany e Nathalia. Vocês contribuíram para que eu me tornasse quem eu sou. Obrigada pelo amor que pulsa, por me acompanharem na luta por um mundo melhor e mais justo, por saber vibrar quando outra conquista algo, por me permitirem sentir a amizade, sobretudo a amizade e amor entre mulheres. Vocês são inspiração!

Um super agradecimento à minha orientadora Oriana, pela incansável paciência, carinho e cuidado ao topar viver esse processo comigo. Ori, não sei como seria fazer esse trabalho sem poder contar contigo. Te agradeço desde o primeiro semestre por me fazer conhecer e construir uma psicologia implicada com a vida das pessoas. Te admiro muito!

Agradeço imensamente aos meus professores, supervisores de estágio, coordenadores de projetos de extensão e a cada funcionária/terceirizada que constrói a UFRGS, vocês foram fundamentais para minha construção como psicóloga.

Ao Leonardo Régis o meu muito obrigada por aceitar comentar o meu trabalho, felicidade que é poder te ter na finalização deste ciclo!

A minha gratidão eterna à política de ações afirmativas, à universidade pública, gratuita e de qualidade, ao SUS, SUAS e todos àqueles que acreditam e lutam pelas políticas públicas nesse país.

E por fim o meu agradecimento mais que especial aos adolescentes das medidas socioeducativas, aos usuários do CAPS, aos usuários do acompanhamento terapêutico, às crianças, adolescentes e adultos do acolhimento institucional, aos imigrantes e refugiados da comunidade de Porto Alegre e tantas outras pessoas que cruzaram o meu caminho nos diferentes campos em que atuei. Sem vocês não existiria o percurso. Muito obrigada por permitirem que eu aprendesse com cada um de vocês, com certeza levarei vocês comigo.

O amigo é um mago do meigo abraço
É mega afago, abrigo em laço
Oásis nas piores fases
Quando some o chão e as bases
Quando tudo vai pro espaço
É isso
Quem Tem Um Amigo (Tem Tudo) - Emicida



¹ Imagem recuperada do site <https://www.canva.com/>

Sumário

Daquilo que nos passa, que nos toca.....	8
Cenas-memórias: Lili is a girl.....	12
Alice no país da interdição	17
Mãe preta desorganizada	19
Trançando imaginários de ancestralidade.....	21
Carta ao meu irmão e à juventude negra	23
A práxis do “não existe nós sem nós”	26
Memórias interseccionais: caminhos possíveis.....	30
Referências.....	32



2

*Eu disse: o meu sonho é escrever!
Responde o branco: ela é louca.
O que as negras devem fazer...
É ir pro tanque lavar roupa.
(Carolina Maria de Jesus)*

² Imagem recuperada do site <https://www.canva.com/>

Daquilo que nos passa, que nos toca

O ensaio-escrita deste trabalho emerge de um percurso de graduação em psicologia, diz sobretudo da potência dos encontros, sendo eles nos corredores do Instituto de Psicologia, na extensão universitária, nos diferentes campos de estágio, na troca com cada colega-professora-servidora-supervisora-terceirizada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e com cada pessoa que topou partilhar de sua história nos atendimentos-escutas vivenciados, ou seja, um apanhado e emaranhado de histórias que ao longo dos anos vai dando borda ao tornar-se psicóloga, esboço que vai se tornando obra.

Ao decorrer do curso formativo que se percorre durante a graduação avista-se não ser possível traçá-lo em um único sentido, se faz necessário cruzar e descruzar caminhos, abrir passagens, fazer retornos, construir pontes. Foi, principalmente, ao me deparar com esses múltiplos - e às vezes tortuosos, caminhos e (des)caminhos que foi se constituindo a condição de psicóloga, sempre em movimento.

Assim que iniciado o percurso, já nos primeiros semestres, nas disciplinas do Departamento de Psicologia Social e Institucional, entra-se em contato com a ideia de desacomodar diferentes enunciados que atravessam a sociedade contemporânea, bem como seus sujeitos, instituições, cultura e os processos históricos de constituição dessa sociedade, esse desassossego oportuniza problematizações que buscam desnaturalizar tais temas. Percebendo através das disciplinas de psicologia social que a psicologia enquanto campo do saber não dá conta da vida (e talvez não devesse dar mesmo), isto é, que ela não dar pode sozinha resolver a complexidade da vida, busco espaços em que possa inserir em minha trajetória um mapa de diferentes saberes.

A extensão universitária é quem abre os caminhos para minhas andanças fora dos muros da psicologia, no final de 2017 ingressei no grupo de extensão G10 - Assessoria à Juventude Criminalizada, do Serviço de Assistência Jurídica Universitária (SAJU), que compõe o Núcleo de Extensão do Programa Interdepartamental de Práticas com Adolescentes (PIPA) em conjunto com o Programa de Prestação de Serviço à Comunidade (PPSC) e o projeto de extensão Estação PSI, Estudo e Ação em Políticas de Subjetivar e Inventar. O G10 é um grupo que atua na defesa de jovens que necessitam de assessoria jurídica em processos de ato infracional. Enquanto uma ação de extensão o trabalho não se restringe às práticas jurídicas, mas abrange outros saberes e práticas, por isso passo a fazer parte desta equipe interdisciplinar, tendo uma experiência com o saber jurídico. A partir de questionamentos

com os saberes jurídicos e psi e das metodologias de trabalho num viés interdisciplinar³ passo a problematizar esse lugar e participo como bolsista da proposta de Apoio Matricial em Socioeducação, equipe interdisciplinar coordenada pelo Projeto de extensão Estação PSI, que atua com as políticas juvenis em socioeducação em ações que visam a proteção integral e garantia de direitos dos/das adolescentes. Nessa experiência de extensão, onde as equipes de referência e de apoio matricial, com diferentes saberes, vozes e vivências, produzem processos de análise de seu fazer, atualizam formas de intervir e constituem um processo de formação interdisciplinar que dou meus primeiros passos em direção a um percurso formativo interdisciplinar. A experiência para Larrosa (2002) “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. O autor considera que para haver experiência é necessário que algo nos aconteça, e isso demanda: “interrupção, parar para pensar, olhar, sentir, suspender a opinião, o automatismo da ação, cultivar a delicadeza, a atenção [...] dar-se tempo e espaço”⁴. O sujeito da experiência é o sujeito que é exposto, que é receptivo, aberto, que sofre, que se coloca na situação. Nesse sentido, a experiência diz principalmente dos sentidos que os acontecimentos promovem.

Nesses cinco anos e meio de graduação, consciente ou inconscientemente, sempre busquei me inserir em espaços que me visse, isso é, ver pessoas que se parecessem comigo nesses diferentes espaços, que tivessem marcadores sociais próximos aos meus. Na maioria das vezes era difícil me reconhecer nos meus pares da universidade, então me voltava às pessoas que atendia. Mulheres, jovens negros, pessoas de periferia, pessoas vulnerabilizadas socioeconomicamente eram majoritariamente as populações que atendia nos serviços e projetos que participei. Nessas pessoas conseguia me reconhecer mais do que em colegas e percebia que era afetada de outra forma, era comum que a própria comunidade que atendia tivesse outra relação comigo pelos meus marcadores, o que podia ser tanto positivo quanto negativo, e passei a ter um interesse em trabalhar com essas populações que também constroem a universidade pública, mas não de dentro para fora e que nem sempre essa construção se dá num processo de horizontalidade, considerando os saberes de todos os sujeitos envolvidos na produção de conhecimento.

Após esse encontro com o percurso e com os diferentes campos em que atuei, seja na extensão, ou nos estágios, percebi através de brechas, o quão importante era ter uma pessoa

³ O termo interdisciplinaridade não tem um único e preciso sentido, mas aqui falo de uma noção de comum de uma relação de sentidos e significados na busca do conhecimento, buscando uma compreensão de saberes em conjunto.

⁴ Larrosa (2002, p. 24)

como eu naqueles locais, que meu próprio corpo produzia problematizações de outras ordens nesses espaços, tanto vindas de observações minhas, quanto das equipes e dos usuários, e que essa diferença se traduzia em outras formas de acolher, de se vincular, de escutar, de ser psicóloga.

Os sujeitos se constroem desde marcas da diferença e identificações, que se articulam e vão dizer sobre seus conceitos de pertencimento e onde esse sujeito se afirma em relação à sociedade. Os marcadores da diferença são construídos através de diferentes processos que marcam o nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas, sociohistóricas nas quais vivemos, a identidade se apresenta como a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas, culturais e políticas do mundo social⁵.

Segundo Crenshaw (2002), que cunha o conceito, a interseccionalidade é

uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcado, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento⁶.

Tal ferramenta permite compreender a dinâmica das conexões entre dois ou mais eixos de subordinação/discriminação, sobretudo nas relações que se estruturam pelo racismo. Para Brah (2006), que também se utiliza do conceito de interseccionalidade para abordar os marcadores de raça, gênero, classe, etnia, entre outros, eles se relacionam de maneira articulada, pois os marcadores estão entrelaçados na constituição das desigualdades.

Akotirene (2018) compreende a interseccionalidade como “sistema de opressão interligado”, para ela pode-se entender a interseccionalidade a partir da noção de encruzilhada, onde

em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas.⁷

A temática dos marcadores e das interseccionalidades ainda se constitui em uma fonte de pesquisas geralmente sendo trabalhadas através de recortes e não como algo central. Faz-se

⁵ Lima (2013)

⁶ Crenshaw (2002, p. 177)

⁷ Akotirene (2018, p. 39)

importante uma reflexão sobre a relevância de tais questões na sociedade e na forma que essa sociedade se encontra estruturada, para que se possa avançar na compreensão de como os marcadores e as interseccionalidades repercutem nas subjetividades e construção de identidades. É daí que também construo este trabalho, um apanhado de cenas-memórias de minha graduação que vão se transformando em narrativas ficcionais

Para além das exigências de replicação, generalização, objetividade e neutralidade, podemos adentrar meandros singulares pela articulação ficcional entre fragmentos de vidas dispersas, prover duração a elementos fugazes das experiências dos encontros (sons, cores, afetos e impressões imprecisas em geral), inventar novas perspectivas sobre velhas questões ao buscarmos os olhos de outras perspectivas (fazer ver ao mundo através de personagens-outros, sejam eles absurdos ou verossimilhantes), prover um corpo sensível ao conhecimento de modo que este afete intensamente ao interlocutor (escrita voltada para a afetação-experiência e não para a comunicação de conteúdos), podemos manter as proposições abertas e afeitas a provocar novas produções e novas perspectivas, entre outras características próprias do saber produzido pelas estratégias poético-ficcionais, as quais podem ser conjugadas facilmente a procedimentos metodológicos já utilizados na Psicologia Social (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009; FONSECA, KIRST, 2003).⁸

Para pensar os marcadores e as interseccionalidades, refletir sobre práticas psi (im)possíveis, (ir)reais, ficcionais e os modos pelos quais o meu corpo vai se encontrando com essas diferenças e interseccionando saberes e práticas, abro as cenas-memórias que seguem...

⁸ Costa (2014, p. 570)

Cenas-memórias

Lili is a girl

No meu primeiro dia de estágio fazia um dia lindo em Porto Alegre, lembro que fui muito bem recebida no serviço, mas que me senti um tanto perdida, as pessoas sabiam que eu iria chegar, porém o meu supervisor estava atendendo uma demanda de urgência e não pôde estar presente para me receber. Desde o primeiro dia comecei a participar de vários acolhimentos, por ser um serviço portas abertas e receber pessoas novas todos os dias a ideia era de que, ao participar desse momento de chegada dos usuários, eu poderia ir compreendendo quem eram os usuários que mais chegavam ao serviço e também ir compreendendo as lógicas e funcionamentos do Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e outras Drogas (CAPS AD). As demandas que mais chegavam eram encaminhadas pelos hospitais (a partir das internações por uso de substâncias), da justiça restaurativa, dos CREAS, das comunidades terapêuticas e das famílias, sendo o uso de substâncias a principal questão mobilizadora para esses encaminhamentos.

Lembro de me sentir extremamente triste com as histórias que eram narradas na sala de acolhimento do CAPS, histórias de extremos processos de vulnerabilização, de violação de direitos, de falta de acesso ao básico garantido pela Constituição Federal (1988) somados ao estigma e as dificuldades de ser um(a) usuário(a) de álcool e outras drogas. Passagens por internações e comunidades terapêuticas eram comuns no histórico de vida de cada pessoa que entrava para um acolhimento, assim como dificuldades nas relações familiares e de trabalho. Uma coisa que me chamava atenção nesses acolhimentos e momentos de primeiro contato com os possíveis usuários era que, assim que terminado o acolhimento e a pessoa ia embora, os profissionais, não raras as vezes, não hesitavam em diagnosticar o porquê daquelas pessoas estarem ali e esses comentários sempre vinham adicionados de uma frase mais ou menos assim “são anos de trabalho no CAPS, bato o olho e já sei o que eles querem”, então mesmo sendo apenas um primeiro olhar, uma primeira escuta, ela já vinha carregada de moralidades e achismos, o que para mim parecia acarretar em uma certa falta de sensibilidade em realmente tentar escutar a demanda do outro.

Segundo o documento Acolhimento nas práticas de produção de saúde do Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização

O acolhimento não é um espaço ou um local, mas uma postura ética: não pressupõe hora ou profissional específico para fazê-lo, implica compartilhamento de saberes,

angústias e invenções, tomando para si a responsabilidade de “abrigar e agasalhar” outrem em suas demandas, com responsabilidade e resolutividade sinalizada pelo caso em questão⁹.

Se acolhimento é postura ética de que forma nossas moralidades, achismos e falta de implicação ao fazer determinadas falas contribuem para um não acolhimento dos usuários?

Desde o início de meu ingresso no serviço foi estabelecido que trabalharia com a população em situação de rua do território, porque antes da minha chegada havia sido realizado um mapeamento e sabia-se que se tratava de uma população que consumia substâncias psicoativas (SPAs) em quantidades significativas e que pela vulnerabilização não conseguia acessar os serviços de saúde - ou que os serviços de saúde não se preocupem em garantir o acesso dessa população. O trabalho consistia em fazer uma busca ativa dessa população em conjunto com o Ação Rua¹⁰, ir mapeando o perfil das pessoas que estão na rua, entender qual é a relação delas com o cuidado em saúde, se existe alguma demanda nesse sentido e apresentar o trabalho do CAPS AD, enquanto os trabalhadores do Ação Rua buscavam entender as demandas de assistência social.

Toda primeira sexta-feira de cada mês saíamos em busca de pessoas em situação de rua no território, sempre mais ouvindo e acolhendo do que intervindo, e fazendo um convite para que as pessoas fossem conhecer o espaço do CAPS. Pelo momento sócio-histórico e político que vivíamos e vivemos, de insegurança alimentar e constante desmonte das políticas de assistência, uma estratégia que foi adotada para que o serviço fosse mais convidativo e fizesse com que as pessoas em situação de rua se sentissem mais à vontade de conhecerem o CAPS foi oferecer espaço para banho/higiene e alimentação no CAPS e foi assim que, por conta dessa oferta, passei a atender Liniker.

Ela. É uma mulher travesti, negra, vivendo com síndrome de imunodeficiência adquirida (SIDA), em situação de rua, ex traficante de drogas, com pendências judiciais e usuária de crack. A conheci em sua barraquinha em uma praça, eram 10 horas da manhã e ela estava dormindo quando chegamos, após ouvir que o CAPS era extremamente perto da praça onde ela estava e de que teria a possibilidade de se alimentar, tomar banho e fazer a barba, ela não pestanejou ao dizer que passaria no serviço no mesmo dia à tarde. Dito e feito, Liniker apareceu e desde então passei a atendê-la todas as sextas.

⁹ Brasil (2010, p. 19)

¹⁰ Serviço de Abordagem Social referenciado ao CREAS que tem como objetivo promover alternativas de enfrentamento de violações de direitos sobre a população em situação de rua. Através destas, incidirá nas situações de vulnerabilidades e riscos sociais, criando condições para o fortalecimento da capacidade de cuidado da rede familiar e comunitária, bem como a inclusão social e autonomia do indivíduo.

Liniker se vinculou comigo extremamente rápido, não foram poucas as vezes que me disse não estar acostumada a se abrir com as pessoas, mas que se sentia tranquila comigo. Nesses quatro meses, fomos aos poucos construindo estratégias para melhorar suas condições de vida, em conjunto, eu e ela. A equipe, de modo geral, sempre teve muita resistência em trabalhar com Liniker, frases como “eu não sei qual a pendência dela com a justiça, não vou atender”, como se não estivéssemos acostumados a atender pessoas com algum nível de envolvimento com o tráfico de drogas por se tratar de um CAPS AD, ou as insistentes vezes em que se referiam a ELA como ele não passaram despercebidas por mim e nem por ela e garantir que ela fosse atendida pelo CAPS, e não apenas por essa que escreve, foi um trabalho árduo de bancar, que precisou ser desenvolvido entre eu e meu supervisor com o resto da equipe.

"Pode colocar travesti?" Foi assim que Liniker me indagou no final do primeiro acolhimento no serviço de saúde, ao que seguiu: "as pessoas não me veem como trans, Gabi. Eu posso te chamar de Gabi? Eu tenho barba, ando pelas ruas, já roubei e já fui pra prisão. Muitas vezes as pessoas que querem me ajudar já me dão roupas masculinas que é pra que eu não me sinta mulher mesmo, por isso acho melhor colocar travesti." Estávamos preenchendo a ficha de cadastro dos usuários do serviço, na época constava na ficha as opções de gênero “mulher” e “mulher trans”, ali naquele momento já percebi o quanto nossa ficha era falha por não dar conta de mais identidades de gênero e também do quanto Liniker já havia passado por processos violentos na construção de sua identidade, pois parecia não poder se afirmar trans pelo olhar de um outro.

Como havíamos decidido em equipe que a população em situação de rua usuária do CAPS poderia utilizar o serviço para tomar banho, era comum que em todos os dias de atendimento Liniker tomasse seu banho e se arrumasse no CAPS. Tínhamos um armário grande de doação de roupas, que era destinado a essa população, mas também a outros usuários, e que eu e ela ficávamos um bom tempo escolhendo roupas pra ela usasse depois de se arrumar. Ela não tinha pressa e nem eu a apressava, era importante que ela tomasse o tempo que fosse para que escolhesse algo que ficasse bem em seu corpo, que a agradasse esteticamente, que fizesse parte de sua construção de estética feminina a sua forma e jeito. Rapidamente o que fora combinado previamente passou a incomodar a equipe. “Banho, depilação, fazer a barba e sair daqui toda emperiquitada na sexta-feira, isso tem cara de prostituição e estamos contribuindo” quando a questão não era “gente, ele deixa as toalhas fornecidas com sangue após se depilar e vocês sabem que ele, ah é ela né, tem HIV”. O que tínhamos a ver se ela iria

se prostituir ou não? Ela se arrumava na sexta porque era atendida na sexta, era o único dia que eu ia presencialmente ao serviço. Em 2021 achava que num serviço de saúde pública seria de conhecimento comum que o sangue em contato com o ar não transmitisse o vírus do HIV. E é lógico, a insistência do pronome errado.

Liniker passou a ser atendida quase que exclusivamente por mim, a equipe ao negar atendê-la ou atendê-la mal, fez com que ela passasse a não querer ser atendida pelo resto da equipe e juntas íamos sustentando o trabalho, resistindo. Ela tinha muito evidente as violências que o CAPS estava produzindo, não deixava de reclamar para mim dos olhares, de algumas frases que ouviu, não deixava de solicitar ser tratada da forma que era seu direito, não deixava de debochar de um trabalhador que havia sido transfóbico na cara dele, quando podia. Ela transbordava.

O caminho foi se construindo através de uma cumplicidade nossa, só que faltavam duas semanas para o estágio terminar. Ela foi categórica ao dizer que não via possibilidades de seguir no serviço já que eu não estaria lá, o que me tomava de um sentimento de angústia e de que havia falhado, pois idealmente ela deveria ter se vinculado ao CAPS e não apenas a mim, mas me parecia que naquele momento realmente não era possível e que ela sabia disso muito melhor do que eu.

Ela resistiu, resistia, resiste. Ela.

LILI

LINIKER DE BARROS F. CAMPOS.

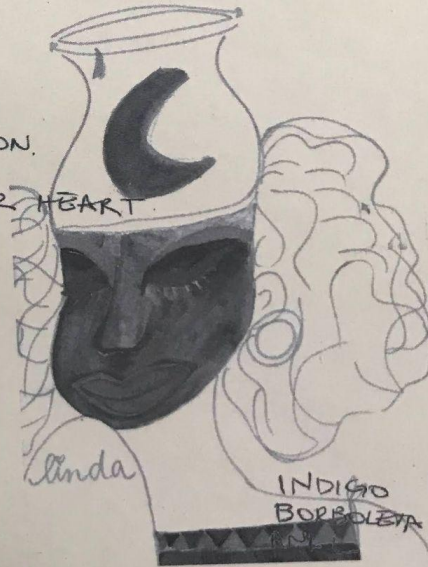
LILI IS A GIRL, ALMOST 25
HER BLACK SKIN IS GOLD
WEARS NO MAKE UP WHEN SHE CRIES.
WITH HER INTUITION SHE CROSSED HER SOUL
JUMPED IN THE WATER, LOOKING AT THE WORLD

LILI GOES, LILI GOES,
LILI ~~GOES~~
GOES ON, DREAMING

LILI GOES, LILI GOES,
LILI GOES ON, FLYING
LILI GOES, LILI GOES, LILI GOES ON.

WHEN YOU TAKE CARE OF YOUR HEART
WHEN YOU LOVE YOUR SOUL,
MAYBE CAN YOU FIND LILI.
SHE ISN'T HIDING ANYMORE
SHE JUST WANTS TO LIVE

HER SKIN IS SHINING NOW
HER THINGS ARE BLACK THINGS
I KNOW HER NAME
I KNOW HER AGE
I'M IN LOVE
I'M IN LOVE WITH LILI,



03A. LILI (LINIKER) (BXLKM) 21 00003)
VOZ e COROS: LINIKER | BAIXO: ANA KARINA SEBASTIÃO | BATERIA: SERGIO MACHADO | RHODES,
SYNTH e FAFISA: FÁBIO LEANDRO | VIOLÃO e GUITARRA: JÚLIO FEJUCA | HARPA: JENNIFER CAMPBELL
| ARRANJO DE CORDAS e REGÊNCIA: RURIÁ DUPRAT | CORDAS: ORQUESTRA JAZZ SINFÔNICA*

Acervo pessoal (2022)

Alice no país da interdição

Faço acompanhamento terapêutico com uma mulher, de 32 anos, chamada Alice. Esta mulher é branca, mãe, pobre e vive com deficiência intelectual, assim como sua mãe e irmão, que junto com ela e seu marido constituem essa família. Alice já é acompanhada pelo projeto há pouco mais de um ano e seu caso chegou como demanda de um Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) da cidade de Porto Alegre. O diagnóstico de deficiência intelectual chega junto com os documentos de Alice, e ficamos sabendo que é a partir do judiciário que ela passa a ter esse diagnóstico, pois após passar por um período em acolhimento institucional junto de seus filhos, os trabalhadores do abrigo concluem que Alice não é apta para cuidar dos bebês.

São muitas as barreiras que se colocam na vida de Alice, desde o diagnóstico ela é interditada e ela e a família passam a ter uma curadora, que é sua tia. É bastante comum que Alice reclame comigo que odeia o fato de ter o Benefício de Prestação Continuada e não poder usá-lo do jeito que gostaria. Passamos as tardes conversando e caminhando, em alguns dias paramos em praças do bairro que ela mora.

Todas as semanas quando encontro Alice para realizar a prática de AT ela diz “quero que tu me diga quando vou poder ter bebê de novo” Digo que não sei. Alice foi submetida a uma laqueadura há alguns anos enquanto estava em situação de abrigo. O processo ocorreu contra sua vontade, segundo ela tampouco foi avisada de que fariam tal procedimento. Seus filhos, que viviam com ela no abrigo, haviam sido destituídos do poder familiar e adotados por família substituta.

O que pode fazer um diagnóstico sobre nossa vida? Me perguntava. Há muita gente que fica aliviada por receber algum tipo diagnóstico, por poder dizer ao outro “veja bem, eu sou assim porque tenho diagnóstico x ou y” como se isso antecipasse algo, mas nesse caso refletia sobre o que passou a acontecer na vida de Alice após o diagnóstico e aqui não é minha intenção questionar apenas as coisas “ruins” que ele trouxe à vida da acompanhada, mas problematizar principalmente o ambiente de barreiras¹¹.

Após o diagnóstico de deficiência intelectual, Alice, foi impossibilitada de cuidar da sua própria vida, tendo agora uma curadora, foi impossibilitada de cuidar dos filhos, sendo eles

¹¹ Diniz, Barbosa e Santos (2009)

retirados do poder familiar e adotados, foi impossibilitada de poder gerar uma nova vida, após a realização do procedimento de laqueadura, foi e é impossibilitada de circular pela cidade sozinha, entre tantas outras impossibilidades que se colocam. Sempre que ela me conta algo que resulta em algum desses impedimentos fico me perguntando se precisava ser assim, se não poderiam existir alternativas que contemplassem um pouco melhor a coexistência dos impedimentos com menos barreiras sociais e jurídicas. Não cabe aqui resolver essa questão, até porque não sei se ela é da ordem da resolução propriamente, mas pensar o quanto as dificuldades que permeiam a vida de alguém que vive com deficiência são colocadas exclusivamente na vida dessa pessoa - e de seus familiares, e não pensadas a partir de uma coletividade, como se sociedade não tivesse nada a ver com isso.

O maior desejo de Alice atualmente é poder voltar a gerar um filho biologicamente, sonho que é compartilhado por seu companheiro. A violência praticada pelo Estado contra ela é mote de praticamente todos os acompanhamentos que fazemos, assim como a maternidade e o entendimento da acompanhada de que o papel da mulher só é validado quando se é mãe. Falar sobre esses temas são assuntos que ocasionam intenso sofrimento para Alice, e que por serem tão centralizados na prática do acompanhamento são difíceis de escutar e sustentar pela constante repetição, mas importantes, porque aos poucos vão produzindo deslocamentos.

Na última semana, nós duas fomos até uma praça que fica perto da casa de Alice, passamos a tarde pintando as unhas e conversando, pintar as unhas é uma das poucas coisas que ela gosta de fazer e que é permitido que o faça sem ser necessária a autorização de ninguém, em dado momento ela começou a cantarolar e depois me disse “as pessoas acham que eu sou louca, mas eu sei que se fosse como tu, assim pretinha, com esses cabelos de leoa eu teria sofrido mais quando passei pelo acolhimento e pela ligadura”. Como se escuta isso? Pensei eu. Como povoar respeitosamente essa zona de silêncio? Não sei. O que aconteceu foi um elogio pela cor do esmalte e um abraço apertado de despedida.

No ônibus ao retornar para casa, sabendo que o caminho seria longo, só pude lembrar e relembrar da cena repetidas vezes. Ainda que Alice seja branca, de cabelos lisos, o cruzamento desses marcadores com o diagnóstico, com a loucura, com a interdição, com a pobreza e com ser mulher só possibilitaram a ela uma série de impossibilidades. Seguiremos na próxima com a certeza de continuar buscando pelas possibilidades.

Mãe preta desorganizada

Desorganizada. Era sempre essa a palavra. Desorganizada. Num primeiro momento essa fala se localizava em uma supervisora e era direcionada a uma mãe e seu filho, depois percebi que essa palavra nos rondava em todas as reuniões, sejam elas de equipe, de rede ou a reunião de estagiárias da instituição. Busquei no dicionário¹² e lá estava: “Desorganizado adjetivo Que não é organizado; sem organização, ordem, método; confuso, desordenado: casa desorganizada. Cujo comportamento é desregrado, anárquico: pessoa desorganizada.” As semanas se passavam e a palavrinha insistia em permanecer conosco, se a mãe se atrasava com o filho para o atendimento era desorganizada, se a internet não colaborava nos atendimentos era desorganização familiar, se a criança não queria participar ativamente da psicoterapia online e preferia brincar em casa significava ser uma criança desorganizada. E assim tudo passava a ter esse caráter, de algo que sempre está em desordem, em confusão. Estávamos ali para organizar algo? Não sei, mas certamente era a postura adotada. Chamava à atenção as diferenças de classe e raça que se apresentavam nos atendimentos, as psicólogas sempre brancas, com alto poder de consumo, os usuários sempre pobres e em sua maioria negros. Certa vez, em supervisão, minha supervisora disse “acho que peguei pesado com essa mãe”, se referia ela a uma reunião que tivemos com a mãe de um paciente, em que anotei pelo menos umas três vezes em que ela havia dito a palavra desorganizada. Supervisora, psicóloga, classe média, branca. Mãe adotiva, diarista, preta, pobre. Em nenhum momento houve qualquer sinal de retratação ou reparação para com essa mãe, mas era evidente o meu desconforto, que fazia com que a supervisora sentisse desconforto por mim. “Vocês movimentam coisas na gente, né?”, disse ela em meio a risos tímidos, parecia bem intencionada, mas ainda não havia qualquer movimento para se desculpar com aquela mãe (e nem haveria), parecia que o problema era responder à universidade, para que o local de estágio não passasse uma imagem de inadequado, e não de encarar de fato a questão. O que movimenta uma estagiária cotista negra no ambiente de estágio? O que é possível do estagiário suportar nesse ambiente? Lembro de um dia que eu e a outra estagiária negra da instituição propomos ler para os seminários semanais o livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Frantz Fanon, não por acaso ficamos encarregadas de fazer o debate da obra, se não fosse assim não aconteceria, quando encerramos o primeiro capítulo de discussão uma das psicólogas disse “o pensamento dele é muito bacana, mas acho que podemos encerrar por

¹² Dicionário Online de Português (2018)

aqui, esse autor não dialoga com a realidade brasileira”. Sim. Ouvi isso de uma psicóloga que trabalha em uma instituição com viés psicanalítico, que frequentemente trazia Freud e Lacan para pensarmos os casos, porque esses dois europeus dizem muito da realidade brasileira (contém ironia). Tem coisas que um estagiário pode suportar, mas tem certos constrangimentos que nenhuma experiência formativa pode fazer valer a pena.

Trançando imaginários de ancestralidade

O que é o corpo negro a partir do olhar do branco? Pensei nisso ao me deparar com algumas mensagens do grupo de whatsapp do local de estágio. Luedji está no abrigo há mais ou menos um ano, desde o ingresso no acolhimento institucional já passou por muitas coisas, uma dessas coisas são as constantes injúrias raciais com que tem que lidar seja na escola, no Jovem Aprendiz e mesmo no acolhimento. Luedji é uma adolescente de pele retinta, cabelos crespos, olhos doces, sorriso fácil e muita energia. Não são raros os momentos que a vejo fazendo dancinhas de funk do TikTok e também não são raras as vezes que me junto a ela para dançar. Sim, a dança também pode fazer parte do percurso formativo, certo?

Nos últimos meses Luedji relata com mais frequência questões relativas à sua sexualidade, fala sobre os meninos que gosta da escola, das investidas que faz e pensa em fazer visando ficadas e namoros, muitas vezes são as próprias músicas de funk, que escutamos juntas, que disparam essas conversas, pois elas dizem do desejo, de expressar a própria sexualidade, de curtir seu próprio corpo. É num papo sobre se curtir que vem à tona o desejo de mudar o cabelo, Luedji quer colocar tranças e acredita que isso também fará com que os outros curtam mais sua aparência física. Não é difícil pra eu entender de onde isso vem. Numa troca de olhares acolho o que ela demanda, neste momento não é preciso dizer muito mais, como eu já havia dito antes Luedji convive cotidianamente com injúrias raciais e nem sempre sustentar as coisas de modo mais cru é a melhor opção de quem vive na pele o preconceito e também cabe se perguntar, por que quando uma mulher negra decide mudar seu cabelo a ela lhe é negada essa experiência sem que ela seja questionada sobre sua motivação?

Luedji participa do programa Jovem Aprendiz¹³ e isso oportuniza que ela consuma coisas que têm interesse devido à remuneração de seu trabalho, no grupo do whatsapp do abrigo uma servidora relata que Luedji está sofrendo bullying na escola e que por isso estão agendando a colocação de tranças para a acolhida, ao que se segue outra mensagem de outra servidora com a seguinte frase: “imagina se agora todas as meninas com cabelos curtos precisassem colocar tranças! Desculpa, não pude deixar de falar. Acho que ela deveria colocar tranças se gosta, acha bonito e se tem dinheiro também. Não em razão do bullying.”.

¹³ Programa que tem como objetivo propiciar um primeiro contato com o mundo do trabalho para jovens de 14 a 24 anos, contemplando formação teórica e prática.

É difícil ler esse tipo de mensagem, uma porque ninguém na equipe vê tal frase com seriedade e como analisador e outra porque não é uma servidora que tem esse tipo de entendimento, é apenas ela quem coloca pensamento na roda. No acolhimento temos uma maioria de agentes educadores brancos, ao mesmo tempo em que a maioria das crianças e adolescentes em acolhimento são negros. Frente a isso, pelo mito da democracia racial e da miscigenação, pode se achar que todas as pessoas, independente de raça, têm as mesmas referências para cuidar e educar, o que não é exatamente verdade, já que a cultura negra brasileira foi e é marginalizada historicamente, ao mesmo tempo em que a cultura branca brasileira de ascendência europeia, sobretudo no sul, é exaltada.

A agente educadora branca analisando a situação de Luedji não se dá conta das violências que permeiam a questão de colocar tranças, tampouco a escola, Jovem Aprendiz e o próprio acolhimento não buscam dar conta do racismo e das injúrias raciais (que também são nomeadas como bullying), os agentes educadores não têm referências para lidar com tais questões, da mesma forma que no processo de cuidado/educação não sabem de que forma abordar isso com a acolhida, tal cuidado se dá através de uma roupagem de tratamento neutro, igualitário, ora, se outras meninas de cabelo curto não precisam colocar tranças, com Luedji não precisa ser diferente.

Assim como muitas mulheres negras, Luedji queria utilizar suas tranças como estratégia de resistência à ideologia do branqueamento e assim resistir às rejeições da corporeidade negra. Segundo Stephanie Ribeiro citada por Santos¹⁴ o ato de modificar os cabelos para toda uma geração é “uma mistura de afirmação da sua ancestralidade como criação de uma possibilidade histórica e essa característica a aproxima do Afrofuturismo, por colocar a estética de matriz africana como possibilidade, como algo positivo e orgulhoso que pode não somente voltar os olhos para o passado, mas também planejar um futuro”.

Outro dia retornei ao abrigo, fazia um tempo que não aparecia por lá, Luedji me recebeu com um sorriso largo e cabelos ao vento, estava com as tranças, balançava os cabelos pra um lado e pro outro, se exibia, me mostrava. Fiquei feliz de vê-la tão contente e que o desejo dela de colocar as tranças foi acolhido, ainda que a duras penas, ter podido bancar junto com ela essa vontade fez com que me lembrasse da primeira vez que coloquei tranças e da primeira vez que resolvi usar meu cabelo crespo. Às vezes são os pequenos gestos e os detalhes, num processo de escuta, que garantem que a gente seja um pouquinho mais do que quer ser.

¹⁴ Santos (2017, p. 77)

Carta ao meu irmão e à juventude negra

Mano, estou há algum tempo sentada encarando a tela do computador tentando te escrever algo, tentando colocar alguma palavra nesse silêncio que já dura tanto tempo. Percebo que ao tentar realizar este movimento de te dizer algo as lágrimas correm pelo meu rosto. Nunca havia pensado em tentar te dizer algo, não depois do que aconteceu. Nesses quase cinco anos de silêncio aprendi a silenciar cada vez mais, a calar, e não que isso seja necessariamente ruim, também me dei conta nesses últimos anos do quanto é importante poder deixar o silêncio tomar conta de certos espaços, para que algo que eu nem sei possa vir a surgir, é a habilidade em esperar algo, uma palavra que seja.

Sabe às vezes me pego pensando em como tu me acharia boba hoje em dia, com esses papos de psicologia, de escuta, de sofrimento e sei que tu riria da minha cara com algumas palavras que eu colocaria, palavras típicas da academia que acabaram imbricando no meu modo de me expressar. Mas sei também que algumas coisas tu só poderia conversar comigo, como fazia raramente, de saber que no nosso ambiente familiar algumas coisas apenas eu conseguiria suportar ouvir.

pausa para lágrimas negras que caem, tomam conta e impossibilitam o exercício da escrita

Eu sabia que seria doloroso te escrever, mas pensei muitas vezes e só me passava pela cabeça que eu deveria pelo menos tentar. Queria te dizer que a nossa mãe te procura desde o dia que tu desapareceu, na época fizemos *posts* para divulgar, fomos à delegacia, ela foi à cidade em que tu estava. É triste dizer isso, mas as autoridades policiais pouco se importaram com o teu desaparecimento e, além disso, deixaram muito bem estabelecido para a mãe de que não iriam fazer nada para tentar te achar. A violência que, provavelmente, aconteceu contigo e depois com ela sempre me fazem questionar o meu lugar na universidade, me questiono o porquê continuar, se estar ocupando esses outros espaços não bastou para que a realidade da violência policial e de raça chegassem até a minha família. Muitas vezes eu me questionava “por que estamos discutindo fisiologia enquanto meu irmão provavelmente foi assassinado?” Hoje em dia ainda me questiono “por que estamos no meio da pandemia, cada um em suas casas, discutindo Wundt na disciplina enquanto pessoas compram ossos para se alimentar?” São questões. Irão continuar a serem questões. Mas também te falo que as leituras

(acadêmicas ou literárias), as músicas, os filmes também podem ser grandes aliados para nos ajudar a viver nesse mundo tão rápido, cheio de informações e nem sempre acolhedor.

Foi e é através da música que me conecto contigo, apesar de que estou pensando que deveria tentar te escrever mais vezes. Comecei a ouvir trap/rap nos últimos anos pro teu espanto, era o que tu gostava de ouvir e que eu tanto implicava quando ia visitar. Descobri beleza nesse gênero, passei a prestar atenção e compreender as rimas, as linhas, passei também a entender a importância em poder ser negro, pobre, jovem, de periferia e mesmo assim exaltar a sua vivência e te juro que isso auxiliou e auxilia nos meus percursos de escuta. É o trap como elemento que auxilia a psicologia!

Não sei se tu sabes, mas eu sempre gostei de trabalhar com as juventudes, logo no início da graduação já me inclinei para isso junto com a profa Gislei, ela que me ajudou muito no momento em que soubemos da notícia do teu desaparecimento e, por tudo que aconteceu, em 2019 parei de trabalhar com socioeducação e com adolescentes, era pesado demais para mim e ali comecei a entender sobre as limitações que se colocam na nossa vida e na clínica e esse era um tema sensível, um limite que se colocava, uma impossibilidade momentânea de atuação.

As experiências de estágio de ênfase me colocaram novamente em contato com adolescentes e não quaisquer adolescentes, mas aqueles adolescentes das medidas, ditos disfuncionais, delinquentes, infratores... os menores. Jovens negros e pobres que em muitas coisas se parecem contigo e comigo. Um dia desses no acompanhamento terapêutico um jovem que não é marcado pelas medidas socioeducativas, mas que é marcado pela loucura, pela psicose, me falou que já fora confundido com um bandido e ao me dizer isso ele passou a mão no braço, ao que indicava seu tom de pele e me disse *é isso*.

Escutar não é fácil, não se colocar à frente da palavra do outro também não é fácil, estamos tão acostumados a nos antecipar, mas venho fazendo esse exercício e associao essa habilidade, que estou tentando aprender, à experiência luto (se é que posso chamar assim) que tive em relação a ti, pois foi a partir desse momento que comecei a acolher a quietude como uma amiga, como algo que vem para marcar alguma coisa e não apenas como o vazio de sentidos.

Para fazer acompanhamento terapêutico/juvenil me desloco até a casa dos acompanhados geralmente, o deslocamento sempre é em direção ao território do outro, assim como é a escuta. Em tempos de pandemia fazer esse trabalho não tem sido fácil, na verdade esse

sempre foi um trabalho que exige bastante dos estagiários, por tentar fazer uma escuta de pessoas que muitas vezes não conseguem dizer através da fala, pela pobreza, pelas inúmeras situações de violação de direitos que os usuários do projeto vivenciam pelo jogo de forças que vai se estabelecendo ao construir o trabalho em conjunto com a rede intersetorial. Mesmo já tendo feito o estágio básico nas práticas de acompanhamento terapêutico (AT), me dei conta neste semestre do quanto a prática de AT é uma prática solitária e de muita exposição. Não ter um espaço físico, não poder trocar com outros colegas e supervisores entre um acompanhamento e outro, não ter para quem pedir ajuda quando alguma situação impensável se apresenta são ocorrências que têm sido bastante difíceis de sustentar e percebo o quanto essas dificuldades se transpõem para o exercício da escuta.

Para encerrar essa tentativa de escrita que te faço gostaria de falar brevemente sobre o luto, tema que tem sido razoavelmente discutido nos últimos três anos e que acho que vamos precisar falar mais sobre ele nos próximos que virão. Mais de 680 mil pessoas morreram no Brasil nesses últimos três anos, mortes somente relacionadas à pandemia. Estamos vivendo de outros modos desde o início de 2020 e ainda que nesse ano de 2022 as coisas tenham melhorado, de uma forma ou outra, experiências de morte e luto visitaram a casa da maior parte dos brasileiros nesse período, noto isso inclusive nas escutas que faço.

O desamparo, não ter referências para lidar com toda essa dor, é algo pelo qual todos estamos passando e isso me faz perceber, junto com tantos enlutados, que é preciso inventar formas de viver o luto pela tua partida, ainda que um dia tu regresse, porque agora entendo a necessidade de elaboração sobre o teu desaparecimento.

A juventude negra segue sendo encarcerada e exterminada no Brasil infelizmente. É política de Estado. Mas também te digo que cada vez mais temos jovens negros ingressando no ensino superior, rappers e trappers se destacando, pretinhos e pretinhas criando arte, no cinema, ocupando cada lugar que é sempre foi nosso, mas que estamos tomando.

Compartilhar a saudade, os gestos e as lembranças com outras pessoas que também perderam alguém nesse período tem me ajudado. Tu me dá força para seguir encarando a vida, obrigada pela possibilidade de poder te endereçar algo depois de todos esses anos.

Te amo.

A práxis do “não existe nós sem nós”

Anfòm do crioulo haitiano significa algo como um estado de equilíbrio entre corpo, alma e mente, é a palavra que nomeia o projeto que irei apresentar, e que traz com ela a força e a possibilidade de imaginar outros horizontes quando falamos de saúde e bem viver. Em 2020 é firmada uma parceria para a Elaboração de Materiais Informativos Bilíngues para a População Imigrante residente no Município de Porto Alegre, essa parceria é firmada entre o NEPEMIGRA¹⁵, o setor Saúde do Imigrante/Núcleo de Equidades da Secretaria Municipal de Saúde (SMS)¹⁶, o Projeto Parte de Comunicação Popular¹⁷ e a Associação da Integração Social (AINTESO)¹⁸.

O projeto nasce de uma demanda do Núcleo de Equidades com uma finalidade bastante estabelecida, tendo como meta elaborar materiais informativos bilíngues direcionados à população imigrante residente no município de Porto Alegre com a preocupação de ampliar o acesso dessas populações à saúde pública, pois sabiam que o número de imigrantes cadastrados na plataforma do SUS era muito menor em comparação ao número de imigrantes residentes do município.

A partir do posicionamento ético do NEPEMIGRA era imprescindível que houvessem imigrantes trabalhando junto no projeto, afinal de contas essas pessoas também estão na universidade e podiam, melhor do que nós, construir esse conhecimento baseado nas reais necessidades de suas populações. Assim surgiu a ideia de que os imigrantes do projeto seriam tradutoras interculturais, atuando na tradução dos documentos, mas também pensando o conteúdo dos documentos, e é nesse momento que a meta do projeto é reformulada, a estratégia de elaborar os materiais informativos bilíngues passa a ser direcionada à população haitiana do município.

A população imigrante não pode ser entendida como heterogênea, apesar desses grupos terem vários pontos comuns, eles também se distinguem, percebemos que a população haitiana é

¹⁵ Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre Migrações. Surge com o intuito de coordenar diversas atividades de extensão e pesquisa realizadas na UFRGS, relacionadas aos fenômenos contemporâneos da migração.

¹⁶ Setor de Saúde da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre que trabalha com a saúde da população migrante do município.

¹⁷ Projeto de Design Social da UFRGS, que oferece suporte gráfico gratuito a projetos sociais.

¹⁸ Associação que tem o objetivo de defender os direitos dos imigrantes e refugiados e buscar sua inclusão na sociedade brasileira.

bastante expressiva em números na cidade¹⁹ e que a barreira linguística e de xenofobia e racismo são exacerbadas. O crioulo e o francês, línguas oficiais do Haiti, são mais distantes do português, o que é diferente como barreira linguística para pessoas provenientes de países falantes de espanhol, bem como o racismo é intensificado pelos traços negróides e tom de pele dos haitianos, ainda que outras populações migrantes do Sul Global sejam não-brancas.

O projeto constituiu-se em três eixos, o primeiro eixo era sobre o Fluxo de Acesso à Atenção Primária em Saúde, o segundo eixo sobre Violência Contra a Mulher Imigrante e o terceiro eixo sobre Alimentação e Bem Viver. O primeiro eixo foi composto de 1) Cartaz bilíngue contendo o fluxo de atendimento aos Imigrantes, Refugiados e Apátridas na Atenção Primária, tendo sido distribuído e afixado em todas as Unidades de Saúde do município; 2) Áudio informativo para WhatsApp, em crioulo haitiano, com o conteúdo do fluxo de acesso à Atenção Primária, principalmente para não letrados e 3) E-book bilíngue para WhatsApp contendo o fluxo de atendimento aos Imigrantes, Refugiados e Apátridas na Atenção Primária. O segundo eixo foi composto de 1) Material online com orientações aos profissionais de saúde sobre violência institucional e suas implicações às mulheres haitianas e 2) Cartilha de Prevenção à Violência Dirigida à Mulher Imigrante Haitiana. Já para o terceiro eixo foi feita a tradução para o crioulo da Tabela de Marcadores Alimentares do E-SUS, que é ferramenta de trabalho para os profissionais do Sistema Único de Saúde.

Gostaria de falar mais sobre o segundo eixo do projeto, inicialmente a ideia do Núcleo de Equidades era de que esse eixo falasse sobre violência doméstica e de gênero, existia uma preocupação que as mulheres migrantes pudessem estar sendo vítimas de violência e não saber de que forma denunciar, bem como não saber buscar a rede socioassistencial e de proteção do município. Também é importante destacar que a violência de gênero estava sendo pensada desde os conceitos culturais e sociohistóricos brasileiros e não necessariamente tentando entender de que forma as mulheres haitianas pensavam e se organizavam em torno da questão e é aí que acontece a virada de chave do eixo.

* Reunião online para pensar e produzir o eixo 2

¹⁹ Conforme estudo do município, 30 mil pessoas de outros países vivem na capital do RS atualmente. 35,7% dessa população são de Haitianos. Fonte: Cibai.

Abayomi: *Gente, vocês percebem a violência dos homens haitianos contra as mulheres, mas vocês não estão se dando conta de uma coisa, do quanto está difícil a relação com os profissionais de saúde do SUS, aqui falo por muitas mulheres haitianas, porque temos o costume de estar em comunidade e conversar, toda vez que uma de nós precisa ir na Unidade de Saúde os profissionais nos fazem perguntas sobre que métodos contraceptivos usamos e, caso não usamos, nos impõem algum tipo de método, é violento, são muitos relatos, vocês precisam ver!*

Zuri: *Sim, é verdade! Estive no posto de saúde e a médica disse que eu precisava tomar anticoncepcional, nós haitianas não gostamos de anticoncepcional, é algo da nossa cultura! Ela disse que pessoas como nós deveríamos nos cuidar para não engravidar aqui no Brasil porque deveríamos ter nossos filhos quando voltássemos para o Haiti.*

Jendayi: *Uma de nossa comunidade sofreu um aborto, depois do episódio disseram a ela que deveria ir à Unidade de Saúde para ter acompanhamento com o médico. Lá eles a obrigaram a colocar o DIU. Ela sentia muitas dores. As semanas passavam e ela continuava a ter dores. Esses dias voltou à US, pediu à enfermeira que gostaria de retirar o DIU, mas disseram a ela que não podia pois ela já tem filhos.*

Silêncio. Choque. Testemunhar tais relatos não foi fácil, nós, brasileiras, nos demos conta de um elemento que não estávamos considerando, o da violência institucional, seja ela por desconhecimento cultural, seja por racismo, por xenofobia ou todos eles juntos. Continuamos a ouvir os relatos, eram três haitianas que nos contavam casos de violência institucional e naquele momento já sabíamos que algo deveria ser feito a respeito. Marcamos outra reunião para tratar exclusivamente dessas denúncias.

Na reunião seguinte as mulheres haitianas nos disseram que as violências que mais chegavam até seus corpos eram as perpetradas no ambiente de trabalho e em diferentes instituições, como na Polícia Federal, nos bancos, escolas e na Unidade de Saúde, tinham uma ideia muito nítida de que acontecia por serem mulheres, negras, do Haiti. Em certo momento da reunião uma delas disse:

Zuri: *por que não fazemos documentos para os profissionais de saúde também?*

E assim foi.

Foram elaborados dois tipos de documentos no eixo, um para as migrantes tratando do tema da violência e outro para os profissionais de saúde sobre os direitos da população migrante, diferenças culturais, sobre racismo, xenofobia, sobre violência institucional, sobre como abordar temas sensíveis com as haitianas, sobre práticas que podem limitar o acesso dessa população aos serviços de saúde e práticas que devem ser promovidas para melhorar o atendimento em saúde.

Através das vivências de Zuri, Jendayi, Abayomi e tantas outras mulheres negras haitianas o projeto se redesenhou e foi para o mundo com toda potência que poderia.

Memórias interseccionais: caminhos possíveis

Como se encerra algo que não tem fim? Chego ao final deste trabalho com essa indagação e, pasmem, como várias outras escritas desse texto não sei responder e sinceramente não acho que precise. Foi difícil escrever, ainda é, quando iniciei o texto citei Carolina Maria de Jesus, seu sonho era escrever, o meu nunca foi, sempre tive uma certa dificuldade em colocar no texto escrito aquilo que me passava, diferente de quando conversava e trocava com alguém pela via da oralidade, que ao meu ver é nossa tecnologia ancestral. A pandemia contribuiu para que eu escrevesse menos e acreditasse menos no meu processo de escrita, foram dois anos bastante afastada da faculdade, dos textos e trabalhos acadêmicos, e com certeza isso se traduziu na dificuldade que foi escrever esse trabalho final, será que é final? Nos últimos meses, nos momentos de orientação e nas conversas com a Oriana, minha orientadora de TCC, passei a perceber que esse não é um trabalho final e que ele tampouco tem um final, e sim que ele é um ponto de partida de um novo ciclo, que deve circular e se transformar a partir de quem ler e falar sobre.

O meu sonho, há algum tempo, é ser psicóloga, sonho esse que precisou passar pela escrita desse trabalho. Acredito que eu vá conseguir realizar, assim como tantas e tantos outros conseguiram, mas que para a minha família, para os meus, tem um sentido completamente diferente. Ainda que tenham dito para Carolina que a ela, como mulher negra, lhe cabia o lugar do tanque de lavar roupas, também já me disseram ou fizeram sentir que não poderia ser psicóloga, no entanto Carolina hoje é lida nas universidades, assim como eu estou aqui terminando este ciclo para que se abram novos caminhos.

A partir do encontro do meu corpo, de mulher cis, negra, jovem, pobre, estudante de psicologia com a universidade, seus corredores, com as pessoas que ali circulam, com as equipes dos serviços e projetos de onde passei e seus usuários, foram se construindo muitas histórias e memórias, memórias interseccionais, pois as minhas interseccionalidades se encontram nas encruzilhadas com as interseccionalidades do outro, e que efeitos elas produzem nos nossos corpos. Afirmo que é nesse encontro que me construo como psicóloga, que partindo dele posso refletir e me implicar, problematizar, pensar a produção de subjetividade, assim como é desse lugar que me autorizo a construir as narrativas, as histórias por meio da vida e não a partir de circunstâncias de violência, narrativas essas que não serão resolvidas com a finalidade de concluir algo, deixo em aberto para que as palavras escritas aqui possam produzir diferentes sentidos de experiências em cada leitora e leitor.

Imarisha (2016) diz que nós somos o sonho de pessoas negras escravizadas, que o que pode ser realidade em certo momento histórico é passível de transformação no futuro, um afrofuturo, e portanto se sonha e se imagina mundos (ir)reais, ficcionais. É evidente a potência de poder criar novos cenários e acessá-los através da imaginação, para que ali na frente esse acesso seja da ordem da realidade e assim poderemos sonhar e criar novos futuros. Nesse sentido, formar-se psicóloga, que já fora anteriormente um sonho, e agora torna-se realidade, é um exemplo disso. Em uma sociedade que se estrutura a partir de vários sistemas de opressão interseccional, que marginaliza sujeitos desde suas marcas de diferenças e identificações, é importante vislumbrar o que pode vir a ser. Portanto, narrar esses sujeitos e suas histórias, colocando-os ao centro, com responsabilidade e ética, é necessário para a criação de novos e justos mundos.

Era um lindo dia ensolarado de verão, havia despertado mais ansiosa que o normal, era o dia da colação de grau. Aos poucos começaram a chegar alguns girassóis, presente de alguns familiares pela formatura, também chegaram algumas amigas, pois se arrumariam juntas. Parecia que tudo estava no seu devido lugar, a calmaria tomava conta, era tudo tão calmo nas horas que antecediam a música, as palmas, era quase como um sonho. Naquele dia lembrou-se do quão difícil foi trilhar o caminho até ali, mas sentia-se orgulhosa, vitoriosa. Era a primeira de sua família a se formar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e também a primeira psicóloga. Depois lembrou-se de meados de 2013 quando tudo isso parecia inalcançável. Não era, não foi. Naquele momento pôde dar-se conta de que agora já haviam outros familiares na universidade pública e se encheu do mais puro sentimento de felicidade, sabendo que aos poucos e através de muita luta, o povo negro e pobre não precisa ser apenas uma fatia do topo. Também sentiu-se grata por ter vivido experiências únicas, como fazer um intercâmbio em outro país, mas sobretudo por experienciar o papel transformador que a educação tem na vida material das pessoas. Vestido de cetim, unhas alongadas, maquiagem dourada e tranças longas. Num piscar de olhos já estava sentada no palco do Salão de Atos, as sensações se misturavam, mas a de alegria prevalecia. De repente alguém chama seu nome, era a hora do rito de passagem, assim que se levantou sorriu e no mesmo instante ouviu “abram os caminhos”.

Referências

Akotirene, Carla (2018). O que é interseccionalidade?. Rio de Janeiro: Editora Letramento.

Bondía, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação [online]. 2002, n. 19.

Brah, Avtar (2006). Diferença, Diversidade, Diferenciação. Cadernos Pagu. 26, 329-376.

Brasil. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Acolhimento nas práticas de produção de saúde. Brasília (DF): MS; 2010.

Costa, Luis A. (2014) O Corpo das Nuvens: O Uso da Ficção na Psicologia Social. Fractal, Rev. Psicol., 26, 551-576. doi: 10.1590/1984-0292/1317

Crenshaw, Kimberlé (2002). Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. Estudos Feministas, 10(1), 171-188.

Diniz, Debora, Barbosa, Livia e Santos, Wederson Rufino dos Deficiência, direitos humanos e justiça. Sur. Revista Internacional de Direitos Humanos [online]. 2009, v. 6, n. 11.

Dicio, Dicionário Online de Português. Disponível em <https://www.dicio.com.br/desorganizado/>

G1 (2021). Porto Alegre abre centro de atendimento para refugiados e imigrantes. *G1 - Rio Grande do Sul*. RBSTV. Acesso em 4 out 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/04/05/porto-alegre-abre-centro-de-atendimento-para-refugiados-e-imigrantes.ghtml>

Imarisha, Walidah. Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça. Oficina de Imaginação Política - 32ª Bienal de São Paulo: São Paulo, 2016. Tradução: Jota Mombaça.

Lima, A. N. C. (2013, Outubro). Mulheres militantes negras: a interseccionalidade de gênero e raça na produção das identidades contemporâneas. In Resumo do II Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (p. 15). Belo horizonte, MG.

Santos, Ana Paula Medeiros Teixeira dos 2017 Tranças, turbantes e empoderamento de mulheres negras : artefatos de moda como tecnologias de gênero e raça no evento Afro Chic (Curitiba-PR).